

In-(cor)porar palavras (*Incorporate words*)

Vivian Marina Redi Pontin¹

Resumo

Ciência, verdade, narradores, Javés, Mona lisas. Captura pela verdade que pressupõe a narrativa científica, fazendo funcionar maquinarias de desvelamentos e de imposições. As palavras são, então, atravessadas por impossibilidades e por possíveis. Desejo de deixar-se in-(cor)porar para inspirar os ares e as cores, abrindo os poros dos pensamentos que inundam o corpo e a filosofia.

Palavras-chave: corpo; filosofia; ciências.

Abstract

Science, truth, tellers, Javés, Mona lisas. Captured by the truth, that presupposes the scientific narrative, making to operated reveal machines and impositions. Then, the words through by impossibilities and possibles. Desire to let yourself incorporate to inspire the air and the colors, opening the pores of the thoughts that flood the body and philosophy.

Key words: body; philosophy; science.

¹ Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp. Doutoranda em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH-Unicamp) (Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Amnéris Maroni). Bolsista CNPq. Participante do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações (CNPq). Endereço postal: Labjor/Unicamp – Prédio da Reitoria V (3º piso). CEP: 13083-970. E-mail: vivian_marina@yahoo.com.br

Introdução

In-(cor)porar tecnociências foi uma apresentação realizada no evento: *O que pode um cotidiano que divaga ao fabular? Com-fabulação... Ex-pressão...*², e que agora entoa esta escrita que mistura impressões, confabulações, expressões sobre o filme *Narradores de Javé* de Eliane Caffé (2003) e a filosofia pós-estruturalista de Gilles Deleuze³.

O que se capturou de *Narradores de Javé* foi a ideia de que a ciência possui uma verdade que não pode ser refutada, um status dito científico capaz de impor tal verdade e que poderia até salvar uma comunidade de ser inundada pelas águas de uma barragem.

Com relação à narrativa, o filme possui o que se pode considerar como três camadas: a primeira com a narração de uma história, revivida autobiograficamente pela personagem *Zaqueu* (interpretada por Nelson Xavier), contada a um grupo de pessoas que desfrutam de uma conversa informal à beira do rio, um passatempo; a segunda é a história que esse personagem viveu, a do povo de Javé no momento em que o povoado seria inundado devido a construção de uma barragem, e sua existência e permanência dependia da colocação no papel da terceira camada, que era a história que contaria a fundação do povo de Javé, narrada pelos seus moradores *atuais* e, ironicamente, interpretada por eles mesmos.

Nesta terceira camada, os vieses das histórias narradas e vividas complementam-se ao invés de excluírem-se, como queriam as personagens-narradoras, que provocam uma tensão durante a narração, não colocando à prova a veracidade dos fatos, mas a melhor maneira de contá-los. Há uma suposta força da narrativa científica, enaltecida pelos moradores daquele vilarejo, que deveria transformar-se num dossiê-salvação, caso a personagem de Antônio Biá (José Dumont) escrevesse a história desse povo, descrevesse os detalhes dos momentos narrados de suas origens. Um povo que almeja

² Realizado na Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) entre os dias 2 e 4 de setembro de 2010. Realização: Uefs e Labjor/FE/Unicamp. Apoio: Fapesb/CNPq/MCT/Capes e Programa de Pós Graduação Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC-Labjor-IEL-Unicamp). Promoção: Grupo de Pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações (CNPq) e projetos: “Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabul-ação: o que pode a divulg-ação científica?” (MCT/CNPq nº 478004/2009-5), desenvolvido pelo Labjor-FE/Unicamp e Uefs; e “Olhares cotidianos da certificação Turismo CO2 neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré/Serra Grande/BA” (Fapesb), envolvendo a Uefs, Uesc, F.E. e Labjor da Unicamp e UdG (Universidade de Girona).

³ Escrita que também entoa a pesquisa-dissertação de mestrado *Corpos e divulg(ações): ciência, cultura e representações entre texturas* (2011), a qual, baseada nos Estudos Culturais, explorou as representações do corpo na divulgação científica e cultural pelas imagens e discursos. Na dissertação, a conversa com o filme *Narradores de Javé* não foi realizada.

salvar-se da inundação de suas vidas pelas águas e acredita que a verdade científica é capaz de fazê-lo.

Vamos, nós mesmos, hoje, escrever a grande história do Vale do Javé. Vamos colocar no papel os enredos. Desencavar da cabeça os acontecimentos de valor. Botar na escrita, fazer um juntado de tudo que é importante, pra provar pras autoridades porque Javé tem que ter tombamento. Só que tem uma coisa, eles falaram lá que só tem validade esse trabalho se for assim... científico. Científico é... assim... que não pode ser essas pataquada mentirosa que vocês inventam, essas patranha duvidosas que vocês gostam de dizer e contar (Zaqueu – personagem de Nelson Xavier – *Narradores de Javé* – 11’26”, grifo da autora).

Dizer e contar descomprometidamente foge à credibilidade da verdade científica, faz-se necessário o registro daquilo que se fala para que se possa testemunhar essa verdade, para que se possa comprovar façanhas e peripécias do cotidiano. Narradores de uma história que cotidiana vidas, tornando-as interessantes aos interessados em sabê-las, perdendo-se nas palavras embaralhadas pela memória e pela fabulação. Contar um povo, através de suas memórias, para poder contar com sua salvação, creditada no registro científico desse verbalizar.

Narrações multiplicadas, que tecem e entrelaçam, ora contradizem, ora interrompem, e caoticamente juntam-se num filme que mistura a permissão do *ficcionar*, por ser uma peça audiovisual pertencente à arte cinematográfica, e da realidade, pelos acontecimentos que *cotidianam* a vida brasileira.

Artefatos culturais que suspendem ficção, realidade, tempos, narrações, verdades absolutas. Numa matéria da revista portuguesa *Up magazine*, intitulada *Rui Horta – Optimista me confesso*⁴, o próprio Rui diz que há uma “contaminação oblíqua” no ato do artista, uma vez que foge ao apenas subjetivo (ou autobiográfico) para manifestar-se como co-contaminação, co-fruição e co-criação. Coletividade de narrações, coletividade de filmes (camadas que se posicionam uma dentro da outra), várias Javés sendo contadas e fabuladas e nenhuma é escolhida para ser escrita no livro em branco. Afinal acontece uma escrita, mas não é nem científica, nem fabulosa, nem jornalística, mas negligente.

Nenhuma narrativa era suficientemente científica para ter o privilégio de ser registrada? Nenhuma possuía a credibilidade, o status da verdade para ser posta no papel e servir de prova, para com-provar a validade de patrimônio *javélico*? Ou a

⁴ Disponível em: <<http://www.upmagazine-tap.com/2010/06/ru-horta-optimista-me-confesso/>>. Acesso em primeiro de julho de 2010.

pressão de ser verídica, de ser científica, de ser a melhor versão, a história mais bem contada para salvar Javé é que impossibilitou essa escrita?

Essas (in)possibilidades fazem parte deste texto, que busca espalhá-las, descolando o absoluto que ronda a verdade e a ciência (e quase que por “osmose”, a tecnologia), fazendo funcionar os modos de como o pensamento e as narrações podem ser percorridos, retirando-lhes o sentido obrigatório do percurso. Ater-se ao *cotidianar* prolifera o que pode ser, existir, acontecer, faz versar atravessamentos do pensar os caminhos.

In-cor-porar – (in)trojetando o que atravessa ao navegar pelas narrativas do povo, da vida, do corpo – dando (cor) aos mares que invadem casas, povoados, órgãos – abrindo poros (porar) nas certezas.

Ao escolher o viés da ciência-verdade para percorrer Narradores e Javés, uma notícia de rádio chama a atenção, a manchete era de que o sorriso da Mona Lisa foi, finalmente, desvendado.

Num primeiro esmiuçar, com o sorriso desvendado da Mona Lisa *original* (isso precisa ser ressaltado, afinal não foi qualquer sorriso), suscita-se a escolha pela interface/confluência entre a ciência e a arte com Leonardo Da Vinci e suas várias *profissões*-atribuições e a provocação de que uma narrativa científica seria capaz de desvendar um sorriso, afinal a ciência é a detentora da verdade. Tecnologias que são utilizadas e incorporadas à ciência e ao corpo, na interface entre tecnociência e arte, valendo-se de elementos dessas narrativas científicas (recheadas de métodos e pesquisas). Encontro-escrita como possibilidade de recriar, estilizar, modificar, customizar Mona Lisas cópias, caóticas que fogem à verdade da verdadeira...

... Mona lisando

Numa notícia de rádio:

Estudiosos franceses descobriram como Leonardo da Vinci criou o efeito de mistério do sorriso mais famoso do mundo. Segundo os profissionais do Centro de Pesquisa e Restauração de Museus da França, tudo se deve ao efeito esfumado denominado “sfumato” [produção de gradações delicadas de tons ou cores pela tela] desenvolvido por Da Vinci. Na técnica ele chegava a aplicar até quarenta camadas de esmalte “glaze” sobre a tela. Misturado a outros pigmentos, o esmalte cria leves borrões e sombras nos lábios de Mona Lisa, fazendo com que seu sorriso quase imperceptível pareça desaparecer ao ser encarado de frente. Como o esmalte demora para

secar, o efeito pode ter levado anos para ser alcançado. Os cientistas também suspeitam que o artista aplicou o esmalte diretamente com as mãos, já que não há marcas de pincel na pintura. Os cientistas usaram uma técnica conhecida como espectrometria por raios “x” fluorescentes, que permitiu o estudo sem a retirada de amostras que poderiam estragar a obra (Cientistas afirmam ter descoberto o segredo do sorriso da Mona Lisa... por: Redação Nova Brasil FM – notícia do dia 24 de agosto de 2010).

A ciência almeja ser capaz de desvendar o segredo de um sorriso, cria técnicas e tecnologias, rearranja métodos, quer entrar no Da Vinci para saber o que ele queria, o que estava pensando, como a sua pintura poderia sorrir e não sorrir ao mesmo tempo. Em outras pesquisas em torno da Mona Lisa, os cientistas criam hipóteses de que era um auto-retrato, querem até reconstituir o corpo do pintor, em especial seu crânio para comprovar tal hipótese, querem saber da capacidade de sair do claro para o escuro tão sutilmente, presença ou não de pêlos, posição das mãos, postura, se ela era aristocrata, burguesa, camponesa, enfim, dissecar cada detalhe, cada pincelada, cada parte do corpo de ambos – Mona Lisa e Leonardo.

Não há limites para o desvelamento, pontos finais e reticências alternando-se a todo instante. A obra de arte parece escapar a essa insistência numa procura, numa origem. O “somente” a ciência produz a verdade, mesmo que ela seja momentânea, que noutro dia aquilo mude e passe a ser apenas uma página virada, legitima o desvendar sorrisos.

A fidelidade entre a ciência e a verdade quer dar conta de persuadir a sociedade. Lidar com a verdade, escravizar-se pela busca da verdade, uma não permissividade da dúvida e da ambiguidade. Obsessão. A verdade gruda-se no bem. Fugir a ela é como querer o vazio e aventurar-se em águas turvas.

A Mona Lisa, quando estudada pela ciência, torna-se uma personagem-arte (sujeito), que possui uma identidade de ver e ser vista e a ciência uma câmera que olha para essa personagem, às vezes por intermédio de uma espectrometria de raios X, e quer descobrir, insistir, in-corporar a verdade por trás de seu sorriso, ocultando e mostrando, paradoxalmente, que aquilo é apenas uma figura, uma pintura, uma ficção. Mas, seria um corpo?

A “Mona lisa” é meu forte. Posso pintá-la em três ou quatro dias, óleo sobre tela, trabalhando mais de oito horas por dia. Meu preço depende sempre das horas trabalhadas, da familiaridade com o tema que me pedem e das dimensões da tela. Posso lhe vender uma boa mona lisa por 800 yens [R\$ 215]. (...) Esta [mona lisa] eu fiz depressa, é para um cliente que queria gastar o mínimo. A qualidade é proporcional ao

tempo que o senhor me concede. Por exemplo, se devo terminar em poucos dias, a mona lisa fica com a pele mais escura. Se o senhor me pagar mais, lhe faço uma bela pele, branquíssima, como uma verdadeira rainha. (XIANGJUN *apud* ANDRADE, 2006, p. LXXIII)⁵.

Mona lisas multiplicadas, copiadas, reinventadas, ora uma indiscernibilidade, ora uma exaltação da original frente às cópias. Se há uma verdade por trás do seu sorriso, será que as cópias conseguem in-corporá-lo? Será que as cópias proliferam possibilidades e abrem brechas para que a busca pela verdade seja suspensa? “(...) contrariamente à forma do verdadeiro que é unificante e tende à identificação de uma personagem (sua descoberta ou simplesmente sua coerência), a potência do falso não é separável de uma irreduzível multiplicidade. 'Eu é outro' substitui 'Eu=Eu'” (DELEUZE, 1990, p. 163), tal potência perpetua as metamorfoses desta falsária (*a cópia Mona lisa*). Falsa lisa a escorregar pelos ditames do corpo da verdade através da ciência.

Descobrir o sorriso verdadeiro pode ser também fingi-lo em suas cópias, tornando-as tão ficcionais quanto essa ficção forjada de verdade da ciência. Mona lisa – personagem que se torna ainda mais real pelas suas invenções (DELEUZE, 1990).

Buscar a fissura entre a ciência e a arte sem que haja hierarquias entre uma e outra, mas emergências de palavras, aberturas, versões, imagens, narrativas, mona lisas...

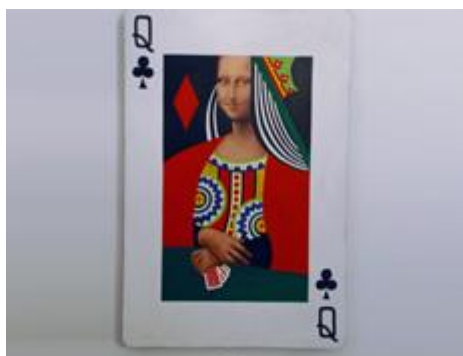


Figura – Mona lisa⁶

⁵ Fala de Chen Xiangjun, pintor de Dafen, sul da China, citada por Andrade.

⁶ Imagem disponível em: <http://plataformasuperior.com/imagens_animadas/monalisa/mona_lisa.htm>. Acesso em 30 de agosto de 2010.

Outra razão pela escolha da Mona lisa é exatamente pela sua reprodução desenfreada, milhões de Mona lisas multiplicadas pelos mais diversos artefatos (desde a própria tela até uma caneca, por exemplo) e ainda assim continua a ser objeto de estudo da ciência-verdade. Ouvir aquela notícia no rádio às vezes soa como uma piada. Paradoxo entre pesquisas científicas, dos mais diversos tipos, como tentativas de encontrar a verdade, em especial no aprofundamento, e o deparar-se com o espalhamento⁷.



Investida na supressão da ficção em nome da ciência-verdade, esforço que esquece que a linguagem pode escapar ao controle do entendimento. Quando as palavras desenham-se no papel possibilitam serem pintadas com muitas cores, finitas, mas às vezes, diferentes daquelas que quem as escreve gostaria de tê-las tingido. Um descuido com o uso das palavras e das imagens, pelos desencontros e diluições, que acabam por dissolver-se ao invés de integrar-se à memória. Deslembrar, talvez.

Tanto a verdade por trás do sorriso da Mona lisa (ou das Mona lisas), como a verdade (ou as verdades) das histórias das origens de Javé (no filme) multiplicam-se e levam consigo suas ambivalências. Aquilo que permanece e perpetua se encontra nessa mistura, nessa indiscernível proliferação. A palavra faz chover significantes, significados e sentidos.

⁷ As imagens a seguir estão disponíveis em: <<http://www.fcs.mg.gov.br/agenda/1462,cem-mona-lisas-com-mona-lisa.aspx>>. Acesso em 22 de abril de 2011.

Em uma entrevista com a diretora do filme, Eliane Caffé, concedida ao programa *Entrelinhas* da TV Cultura, pode-se relacionar o cinema por ela dirigido com a literatura, tema principal do programa. Direcionando a resposta para *Narradores de Javé*, a diretora disse, uma vez que o filme não se baseou explicitamente numa obra literária⁸, do desafio de transformar a *palavra* na personagem principal desse filme, sem que fosse de uma maneira retórica.

Somente por essa proposta, descartando qualquer crítica que possa ser lançada à peça audiovisual (o que não é o propósito desse texto), pode-se pensar na possibilidade de tornar a palavra personagem pelo próprio falar do povo, pela oralidade, desmistificando o vínculo da palavra à sua forma escrita. Inscrita no papel, a palavra deve seguir uma norma, uma verdade imposta pela ciência (na fala da diretora – pela retórica).

A tensão entre a palavra-personagem e as normas científicas de sua escrita conflui no filme. A palavra torna-se tema, ou desempenha um tema/sentido liberada dos limites dos personagens-corpo, ou seja, sem ter a necessidade da incorporação que personifica. E a norma é desmantelada pela escrita negligente.

A maneira como os fragmentos da memória, tanto visiva, como experiencial⁹ das personagens, combinam-se gerando o inesperado e o sugestivo (CALVINO, 1990). As imagens se repetem naquele povoado esquecido, poucas são as alterações de cada história da fundação do vilarejo contada pelas personagens de Javé, exceção ao protagonismo de cada uma delas. A palavra, pois, é quem ganha relevo sobre as imagens – entonações e potências numa narrativa que faz o fantástico brotar do cotidiano.

⁸ Contrariamente ao que aconteceu com outras duas produções da diretora: *Kenoma* (1998) que foi baseado na literatura de Jorge Luis Borges e o *Sol do meio dia* (2009) baseado em *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoievski (1866).

⁹ A esse respeito Calvino (1990) escreve: “Antigamente a memória visiva de um indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a um reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo” (CALVINO, 1990, p. 107).

Incorporações

Escolher a verdade da ciência como única forma de narrar um povo pode ser um caminho-armadilha de oposições binárias, em especial entre o que é certo e errado, como se não houvesse outras possibilidades nesse espectro. A sedução pela fabulação e pela ficção por vezes envolve a narrativa e o testemunho perde a razão para o que a racionalidade moderna fixa – qual seja, a necessidade de se narrar verdadeira e sequencialmente os fatos. Sedução pelo *cotidianar*, pela multiplicidade dos falsos sorrisos que, sendo falsos ou verdadeiros, continuam a *sorrisar*, assim como os amores continuam a *amar*, independentemente das vontades da ciência em *verdadeirar* sorrisos e amores.

Não se afobe, não
Que nada é pra já
O amor não tem pressa
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário
Na posta-restante
Milênios, milênios
No ar
E quem sabe, então
O Rio será
Alguma cidade submersa
Os escafandristas virão
Explorar sua casa

Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos

Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização
Não se afobe, não
Que nada é pra já
Amores serão sempre amáveis
Futuros amantes, quiçá
Se amarão sem saber
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você

Canção “Futuros amantes”,
de Chico Buarque, 1993.

A falta das provas cientificamente comprobatórias fez com que o povoado de Javé sucumbisse. As histórias da origem do povoado e as folhas em branco de *Biá* não tinham nada de científico para mostrar a verdade sobre aquela comunidade, que só queria continuar existindo ali. Armadilha por achar que a ciência poderia salvá-los, armadilha por pensar que a verdade somente é produzida pela ciência.

Com seu status de reveladora, a ciência suprime possibilidades até de um sorriso estar apenas sorrindo. A Mona lisa precisa ser *espectromizada* para se saber, verdadeiramente, se *aquilo* em seus lábios é mesmo um sorriso. Se Leonardo a tivesse feito chorando, a ciência iria à busca da substância química de sua lágrima. Enfim, não há limites para se manter a maquinaria de desvelamentos. Suprimir sorrisos, suprimir ficções. Suprimir amores, talvez.

Supressões e revelações que entrelaçam verdadeiro e falso e de tanto tentar separar um do

outro criam linhas de força com possibilidades de fazer proliferar a incorporação de ambos (verdadeiro e falso) num jogo ambivalente e ao mesmo tempo sugestivo para pensar maneiras distintas de dar cor às próprias ações – in-cor-porar. Os poros se abrem para que novas histórias sejam criadas sobre Javés, seres, águas, povos...

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Elenise Cristina Pires de (2006). *A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecadores*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Orientador: Antônio Carlos Rodrigues de Amorim. Campinas: [s.n.].
- CALVINO, Italo (1990). *As seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DELEUZE, Gilles (1990). *Imagem tempo* (cinema 2). São Paulo: Brasiliense.
- _____ (2000). *Lógica do sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1996). *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- GIL, José (1997). *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- GODOY, Ana (2007). *Corpo e território, rostidade e paisagem*. Texto apresentado na série de conferências intitulada “Sexualidade, moralidade e educação” no Curso de Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero. Coord. Deisi Sangiorgi. Dept. de Metodologia de Ensino, UFSM.
- GUARDÃO, Maria João (2010). Rui Horta – Optimista confesso. *Up Magazine*. Disponível em: <<http://www.upmagazine-tap.com/2010/06/rui-horta-optimista-me-confesso/>>. Acesso em primeiro de julho de 2010.
- Redação Nova Brasil FM (2010). *Cientistas afirmam ter descoberto o segredo do sorriso da Mona Lisa...* Notícia do dia 24 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.novabrasilfm.com.br/radar/2010-08-24/cientistas-afirmam-ter-descoberto-o-segredo-do-sorriso-da-mona-lisa/>>. Acesso em: Acesso em: 25 de agosto de 2010.

Filmografia

- CAFFÉ, Eliane. *Narradores de Javé*. [Filme-vídeo]. (2003). Produção de Vânia Catani, direção de Eliane Caffé. DVD, duração 100 min. Estúdio: Bananeira Filmes, Gullane Filmes, Laterit Productions – distribuidora: Riofilme. Música DJ Dolores e Orquestra Santa Massa.
- CAFFÉ, Eliane. *Kenoma*. [Filme-vídeo]. (1998). Produção de Alain Fresnot; direção de Eliane Caffé; roteiro de Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. DVD, duração 110 min. Produtora: A. F. Cinema e Vídeo.

CAFFÉ, Eliane. *O sol do meio dia*. [Filme-vídeo]. (2009). Produção de Van Fresnot; direção de Eliane Caffé; roteiro de Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. DVD, duração 106 min. Distribuidora: Pandora Filmes. Estúdio: Politheama Produções Cinematográficas.

Discografia

HOLLANDA, Francisco Buarque de. *Para todos*. Gravadora: Sony/BMG, 1993. (Futuros amantes – faixa 9).

Data de Recebimento: 09/03/11

Data de Aprovação: 03/06/11

Para citar essa obra:

PONTIN, Vivian Marina Redi. In-(cor)porar palavras. RUA [online]. 2011, no. 17.

Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>